

## O CONTEÚDO SIMBÓLICO DAS FÉRIAS NA CONCEPÇÃO DE TURISMO

*Suzana Maria Teichmann \**

### INTRODUÇÃO

Durante muitos anos, para explicar ou definir turismo, utilizou-se a expressão de férias. Mas atualmente esta expressão sozinha já não explica o turismo, pois desconsidera os que fazem turismo apesar de não estarem no período de férias. Além disso, esta idéia reduz a atividade a um modelo advindo da Revolução industrial onde todos, teoricamente, teriam trabalho formal com direito a um período de descanso remunerado. Modernamente, a questão se coloca frente à necessidade do surgimento de uma nova concepção que considere a presença do trabalho informal e do desemprego. Não é a busca de um modelo que desconsidere a existência do turismo em férias, mas sim a superação da ideologia de que todo o turismo é necessariamente uma atividade de férias. Corresponde a uma nova definição do turismo, sem restringir-se à fragmentação dos espaços da vida.

Neste, o enfoque central deve ser a reflexão sobre o turismo enquanto uma atividade econômica que contribua na busca pela melhoria da qualidade de vida e na construção de uma sociedade mais justa. Refletir sobre o modelo de turismo que se quer desenvolver não é a troca do já existente por outro, que almeje a busca do mundo perfeito. Mas é a busca de um turismo que contribua na transformação do mundo dentro da percepção de sua complexidade.

Como a questão se coloca frente à necessidade do surgimento de uma nova definição de turismo, isso repercute intensamente sobre o modelo atual existente e o novo a ser buscado. Novo este que não virá de fora mas sim de dentro, do já existente, através da superação das contradições do atual. Neste novo contexto, o turismo torna-se cada vez mais um importante elemento na busca da diversificação das atividades econômicas que contribuam na melhoria da qualidade de vida, na diminuição das desigualdades sociais, na valorização da ética como alternativa de resgate da condição de vida do ser humano.

\* Mestranda em Desenvolvimento Regional - Área Sócio-Cultural na Unisc.



Assim, devemos entender que não basta apenas criticar mas é preciso ser analítico e transformador. Perceber o mundo diante de uma complexidade que não pode mais buscar alternativas revolucionárias de promessas de salvação. É preciso, sim, alternativas de transformação e superação.

Portanto, para que o turismo possa contribuir nesta transformação ele precisará ser redimensionado por aqueles que o divulgam enquanto uma atividade que poderia substituir a indústria, utilizando inclusive dados que comprovam o crescimento desta. Isso repercute intensamente, pois ele acaba sendo divulgado enquanto uma atividade que possibilitaria alcançar o tão almejado futuro promissor, repetindo as promessas de paraíso divulgadas pela Revolução Industrial. Hoje é preciso que se defina o turismo dentro de possibilidades e alternativas viáveis. Mas para isso é preciso que se saiba onde se quer chegar através de estudos e projetos que viabilizem o desenvolvimento do turismo. Esta proposta do turismo, como alternativa de desenvolvimento, deverá ser centrada na sustentabilidade e na busca do bem-estar da população local, além da preservação do meio ambiente e do patrimônio histórico-cultural. Portanto, não deverá ser pesquisado enquanto uma alternativa que esteja em contraposição ao desenvolvimento da indústria já existente, mas sim, na possibilidade de contribuir para a diversificação da economia.

### O SIMBÓLICO DE FÉRIAS NA CONCEPÇÃO DE TURISMO

Para iniciar o estudo sobre o turismo como um fenômeno que nasceu associado a férias é preciso que primeiramente se faça uma reflexão sobre o que é este fenômeno que vem atraindo e movimentando milhares de pessoas no mundo inteiro. Existem muitas definições de turismo e conceitos, ainda em discussão, o que de certa forma dificulta a discussão do tema. Por outro lado, é muito importante que também não existam conceitos fechados, pois isso estimula os debates e reflexões em torno do assunto.

Para Krippendorf (1989), o turismo ganhou força de expansão quando transformou-se em uma mercadoria de alto consumo, propiciadora de lucros e com cheiro de dólar no mercado internacional. Para ele a atividade turística está intimamente ligada ao mundo pós Revolução industrial, onde o tempo livre passou a ser o tempo de férias. Para isso basta analisar as diferentes definições de turismo e percebe-se claramente o quanto elas inserem-se na lógica capitalista. A palavra que está sempre presente é férias, portanto, intimamente atrelada com os conceitos capitalistas onde o turismo seria uma atividade ligada ao tempo de não-trabalho.

Segundo Trigo (1995), o turismo cresceu como uma atividade de lazer para o trabalhador e uma opção de ganhos lucrativos ao capitalismo. Este fenômeno teve sua impulsão "após a 2ª Guerra Mundial, quando a classe trabalhadora, nos países capitalistas desenvolvidos, aumentou seus ganhos salariais médios e passou a ter mais tempo disponível na forma de férias, garantidos legalmente com as conquistas sindicais" (Trigo, 1995, p.14). Estas férias, inseridas na lógica capitalista, aparecem como uma opção de lucratividade. Atualmente utiliza-se inclusive o termo "Indústria do Turismo", o que revela um grande equívoco, uma vez que a indústria situa-se no setor secundário da economia. Turismo é prestação de serviços, portanto, situa-se no setor terciário da economia.

Assim, o turismo é uma atividade humana intencional de comunicação e deslocamento temporário, fora do local de residência e do cotidiano, motivado pelas mais diversas intenções, mas associadas à busca da descoberta e do lazer que, ao mesmo tempo, acrescenta uma nova experiência que contribua para o desenvolvimento do humano no homem. Viajar é trocar, é levar conhecimento e buscar conhecimento. Assim, mesmo que o turismo seja uma atividade econômica é também uma possibilidade cultural e de comunicação. Neste sentido o turismo deve ser uma atividade centrada no ser humano, na busca pelo enriquecimento cultural, tanto do visitante quanto da comunidade receptora. Turismo é investimento, cujo objetivo final é econômico, mas, com retorno de qualidade de um serviço prestado ao turista, de preservação do meio ambiente e melhoria das condições de vida da comunidade receptora.

Mas apesar de sabermos de todas estas definições atuais de turismo é possível constatar o quanto esta atividade ainda está atrelada ao espaço das férias. Esta é pois a questão central sobre o qual se faz refletir neste texto: porque o turismo nasceu atrelado ao espaço das férias? Ele cresceu baseado quase que exclusivamente no fator de incremento econômico, onde o marketing utilizado era o lazer. Portanto para entendermos como isso foi possível é preciso que se estude como o lazer foi concebido nas sociedades capitalistas, pois é neste contexto que o turismo se insere.

Segundo Dumazedier (1974), os debates sobre o lazer iniciaram na Europa com militantes socialistas que questionavam se o trabalho era um fim ou um meio. Assim, a conquista do lazer é associada ao progresso técnico e as conquistas da classe trabalhadora. Na medida em que diminuía as horas da jornada de trabalho, aumentava o tempo livre do trabalhador e, conseqüentemente, crescia a discussão sobre o lazer. Este tempo livre era o espaço que o homem teria para participar dos negócios da cidade ou aumentar sua cultura intelectual. Desta forma o lazer era estudado sobretudo em suas relações com



o trabalho. Chegou mesmo a criar posições antagônicas como: o trabalho é desumano e o lazer é o tempo do homem livre, é uma compensação. Mesmo que a idéia de lazer não possa ser simplificada na definição de tempo liberado pela redução da jornada do trabalho industrial, foi com este que iniciou-se a discussão em torno da sua importância.

Ainda segundo Dumazedier (1974), o lazer é uma palavra que traz juízos de valor, ou seja, um conteúdo simbólico que na linguagem comum é freqüentemente associada a divertimento e descanso. Isso ocorre porque o lazer corresponde a três funções que são: a) função de descanso, b) função de divertimento, recreação e entretenimento, c) função de desenvolvimento. Estas funções estão tão intimamente entrelaçadas que fica difícil distingui-las uma das outras. Elas podem coexistir ou uma pode tornar-se preponderante sobre as demais. No entanto, após a Revolução Industrial estas funções foram fragmentadas para o trabalhador.

Dentre elas a que passou a ser adotada para o período após a jornada de trabalho foi a função de descanso, atividades de repouso e que exigem pouco desgaste físico ou mental. Isso porque nela era possível que o trabalhador recuperasse o desgaste das atividades físicas e mentais gastas durante o período do trabalho. Desta forma era possível aumentar a produtividade uma vez que após o descanso o trabalhador viria com mais ânimo para a nova jornada de trabalho. Por este motivo, nos locais onde a indústria desenvolveu-se, as atividades de lazer eram sempre fortemente influenciadas por esta concepção de lazer como descanso.

A outra função do lazer, que era o divertimento, foi fragmentado do descanso para ser desenvolvido em outro espaço longe do local do trabalho. Na função de divertimento era onde entrava a identificação com a linguagem de férias. Nesse ítem encontra-se presente também a íntima relação que foi estabelecida entre o crescimento da atividade turística e o incremento do uso da palavra lazer em associação. Ainda hoje, para identificarmos esta associação do turismo com férias basta assistir aos anúncios de programas de viagens ou cidades turísticas que rapidamente se constata a freqüência da linguagem escrita e visual do lazer. Entre os autores que estudam o turismo, muitos também descrevem-no como sendo uma atividade de lazer.

Neste ítem percebe-se que o turismo foi compreendido como uma atividade de férias porque ele nasceu dentro de uma fragmentação de descanso/trabalho e diversão/férias/turismo. Da mesma forma também o lugar onde seria desenvolvido a atividade turística poderia ser fragmentada. Assim se um município fosse um local de muitas indústrias então o turismo era atividade antagônica.

Esta fragmentação da concepção de lazer na sociedade contemporânea

causou alguns efeitos sobre o comportamento dos indivíduos. Um deles é que "o lazer fundou uma nova "moral de felicidade"<sup>1</sup>. Despertou uma verdadeira necessidade no homem, como se o lazer/divertimento fosse a única alternativa onde o mesmo pudesse encontrar alegria. Além disso, o outro efeito é que para sentir esta felicidade era preciso que o homem estivesse longe do seu local de trabalho. Isso despertou no homem uma tripla fragmentação de que existia um lugar para trabalhar, outro para morar e outro para o lazer. Projetou o lazer/divertimento para um espaço que fosse fora ou distante do que compreendia o local de trabalho.

Se analisarmos os efeitos que esta concepção fragmentada tem despertado no homem atual é possível compreender o incremento da atividade turística nas sociedades. É demonstrada pela mídia que o turismo é férias e divertimento, além da garantia ou encontro da felicidade. Porém, para que o homem possa alcançá-la ele precisa estar longe do local de trabalho, ou seja, em férias fazendo turismo.

Segundo Krippendorf (1989, p.41):

"Para o homem em estado de carência, a nossa sociedade oferece o turismo, as férias, longe do universo cotidiano, sob as formas mais diversas, e os paramentam com todas as qualidades: permitem a evasão, resolvem os problemas, distribuem força e energia, embelezam a existência e trazem a felicidade. A oferta se apresenta a todos."

A partir desta constatação nasce uma pergunta sobre como o trabalhador das sociedades capitalistas concebeu esta fragmentação. Segundo Albornoz (1994), o trabalho foi dividido em trabalho intelectual e físico. Se analisarmos o desenvolvimento econômico da Antigüidade para a Idade Média européia é possível constatar que quem acumulava riqueza empregava trabalhadores. No advento da industrialização o homem dirigiu-se cada vez mais às cidades em busca de um emprego, passando a produzir em série com o auxílio de máquinas. As expectativas sobre este novo trabalho estavam na possibilidade de usufruírem do bem-estar das cidades. No entanto, nesta nova realidade, tanto produtor quanto consumidor estavam separados, ou seja, já não mais se conheciam. Também estavam separados o trabalhador e os meios de produção, que já não mais lhe pertenciam. O trabalhador passou a vender seu tempo, sua energia, sua capacidade e o trabalho passou a ser um esforço coletivo, um emprego. Neste

<sup>1</sup> (Dumazedier, 1973, p.25): "É um homem incompleto, atrasado e de certo modo alienado, aquele que não aproveita ou sabe aproveitar o seu tempo livre."



momento o homem se aliena, ou seja, "vende a sua força de trabalho a outrem, a quem ele outorga e a quem passa a pertencer o seu trabalho e o produto deste" (Albornoz, 1994, p. 36). Além disso, toda a vida do homem passou a ter cada vez mais um caráter em série, coletivo, até mesmo o lazer. Para compensar a falta de realização pessoal no trabalho o homem buscou uma fragmentação mental dos espaços da sua vida na tentativa de separar-se daquilo que era ou não parte integrante da sua conquista.

Para o homem moderno esta fragmentação trouxe profundas modificações, levando-o a buscar, mentalmente, grandes distâncias capazes de separar o trabalho da sua vida pessoal. Isto é resultado da sua alienação, onde o trabalho já não lhe trazia mais satisfação pois tinha passado a ser um ato mecânico, além de uma necessidade para auferir seu sustento. Desta forma o homem passou a desejar distanciar-se deste, o que o levou à fragmentação do seu tempo vivido. Esta foi uma divisão do seu tempo em dois momentos, sendo um do trabalho e o outro do seu cotidiano onde estava a sua vida pessoal, sua moradia, a família, as tarefas do cotidiano e uma enorme distância do trabalho.

Como o tempo do trabalho lhe trazia pouco significado, pois não era mais o produto resultante do mesmo, então era no dia-a-dia que poderia existir esta possibilidade. Assim, o tempo não dedicado ao trabalho, na sociedade capitalista, passou a ser denominado de tempo livre. Neste o homem teria o tempo necessário para as atividades de "lazer passivo"<sup>2</sup>, ou seja, repor as energias gastas com o trabalho além das ocupações com os deveres do cotidiano. Não haveria, portanto, a possibilidade de dispor deste tempo para atividades que viessem a lhe dar prazer e desenvolvimento. As tarefas do cotidiano ocupavam quase todo o seu tempo livre e o restante que sobrava deveria ser utilizado para o descanso. Para encontrar prazer e diversão o homem precisou fragmentar também o tempo livre em dois tempos, onde um deles seria ocupado com tarefas do cotidiano e repouso e o outro com o tempo de buscar sua realização pessoal.

Ou seja, a bipolarização, ou a fragmentação do tempo em trabalho e cotidiano, gerou uma terceira fragmentação onde o homem colocou o tempo de ser ele mesmo. Neste terceiro estaria a possibilidade de se ocupar com atividades do seu desejo e satisfação pessoal, livremente sem a preocupação com a necessidade de repor as energias gastas com o trabalho.

Mas para que ele pudesse ter a possibilidade de diversão era preciso

<sup>2</sup> (Albornoz, 1994, p. 40): "A separação de trabalho e prazer parece coerente com o desenvolvimento de um tipo de lazer passivo, do tipo da entrega do telespectador que não analisa, não critica, não discute...Esta é uma espécie de compensação que o sistema permite, de modo que não se queira transformar o mundo do trabalho que eficientemente continua a dar lucros a seus donos."

deslocar-se para um outro espaço, distante do trabalho e do cotidiano. Segundo Krippendorf, "uma tripla fragmentação sucede-se à bipolarização do homem: trabalhar aqui - morar ali - repousar além" (1989, p. 41). Ou seja, ele arremessou este tempo para um outro espaço, que não fosse o mesmo onde ele trabalhava e morava. Passou a conceber a diversão e o lazer como atividades arremessadas para fora, para o exterior, distante do local que ele ocupava para morar e trabalhar.

Esta ideologia contribuiu na construção do conteúdo simbólico de férias na concepção de turismo. Para que ele pudesse ter diversão precisava buscar outro espaço, portanto viajar e fazer turismo. Daí a dificuldade que as sociedades tiveram durante muito tempo de conceberem que o turismo pudesse ser desenvolvido independente das férias ou mesmo como uma atividade econômica. Esta ideologia fragmentária é também o motivo pelo qual as políticas deram pouca prioridade para atividades de turismo por conceberem-no somente como diversão. Além disso foi também uma concepção política que privilegiou a indústria por associá-la a idéia de desenvolvimento e garantia de felicidade aos trabalhadores. Assim, aumentando os investimentos industriais aumentaria a oferta de empregos e a arrecadação de impostos. Isso aparentemente levava a uma constatação de progresso futuro. Ou seja, considerava que todos conseguiriam emprego com o fomento da indústria e alcançariam o sucesso financeiro que lhes garantiria a felicidade nas férias. Seria preciso trabalhar com muita vontade e o sucesso seria uma consequência.

No entanto, ambas as expressões devem ser repensadas, pois o turismo pode compreender outros campos e não é somente divertimento. Quanto ao lazer, ele pode ser desenvolvido tanto nas atividades de trabalho, como no cotidiano e no próprio local da residência. Além disso, toda visão que fragmenta o homem é também a que contempla o tempo em que ele está no trabalho. Mesmo que em seu discurso ela refira-se ao lazer, será para considerá-lo enquanto possibilidade de repouso ao trabalhador, para a recuperação de suas energias gastas com a produção. Segundo esta ideologia "se o trabalho preenche o vazio deixado pelo banimento do repouso, da especulação contemplativa, ele nos leva a crer que a constante atividade é o que impera nos nossos dias" (Carmo, 1992, p.11). Também não é possível analisar o lazer como sendo a razão do ser humano, o espaço da compensação de suas carências. É preciso a busca do "equilíbrio"<sup>3</sup> entre a dicotomia lazer/trabalho, em sintonia com a visão do homem como um ser integral. Outro problema é que esta idéia de tempo, com

<sup>3</sup> (Dumazedier, 1973, p.112). Esse equilíbrio não se dará espontaneamente, devendo cada sociedade ter consciência daquele que conseguiu atingir e do equilíbrio almejado. Para sua consecução haverá necessidade de medidas econômicas, sociais, políticas e culturais.



uma conotação de fragmentação da vida, traz consigo um imaginário de que o homem só pode realizar uma atividade de cada vez.

No entanto, com a aceleração atual constata-se que o homem pode estar vivendo e convivendo com muitas emoções ao mesmo tempo, pode ter lazer e trabalho, turismo e trabalho, alegria e frustrações num mesmo espaço de tempo. Já não é mais possível que se fragmente as atividades e as emoções como se elas exigissem uma ordem cronológica, nem colocar o lazer num espaço delimitado que tenha começo, meio e fim.

Nesta análise é possível perceber que ao se modificar a forma de ver o lazer modifica-se também a concepção de turismo. Ele passa a ser percebido como uma atividade econômica, compatível portanto com o local de trabalho. Turismo não é somente o emissivo, aquela atividade arremessada para fora, que leva os moradores de um lugar a viajarem. Ele pode ser também receptivo, desenvolvido no município de residência que especializa-se para receber turistas e diversificar as atividades econômicas. Além disso as atividades de lazer não devem ser privilégio de alguns grupos sociais que podem viajar ou fazer turismo. Estas devem ser cada vez mais um direito de todos os cidadãos na medida em que melhoram a qualidade de vida e possibilitam uma maior integração social. Servirão também como importantes atrativos que poderão contribuir no desenvolvimento da atividade turística.

Portanto, é preciso renunciar à idéia de que a vida é fragmentada e existem espaços e atividades que obrigatoriamente despertam as mesmas emoções no homem. Significa perceber que o avanço está na inter-relação que são as emoções e as atividades. Perceber que o novo não está fora mas dentro, através da superação dos conflitos, das contradições e dos antagonismos. É preciso saber que lazer e trabalho não são um a negação do outro, mas sim, que um é a possibilidade do outro. Tanto é possível ter lazer no trabalho quanto ter trabalho no lazer.

Também não é possível acreditar em certezas de lazer em sua plenitude, onde o homem esteja livre totalmente do trabalho, do seu cotidiano e da sua própria vida. Como também não é possível afirmar que turismo é somente lazer distante do trabalho e do cotidiano. Seria admitir que um está em contraposição ao outro. No mundo atual é necessário apreender, através da percepção, que ambos podem coexistir. Assim, quando o homem viaja motivado na realização do seu trabalho, a estudo ou a negócios, ele pode também fazer turismo, conhecer novos espaços, nova cultura e ter lazer e entretenimento.

Não é possível fragmentar a vida num mundo onde a economia informal cresce e as pessoas têm cada vez menos direito a férias pagas de trinta dias ao mesmo tempo em que se constata que a atividade do turismo está em franca

ascendência. Cresce o número de desempregados no mundo e aumenta o número de turistas também, mas isso não significa que aqueles que estão sem emprego é que estão viajando. Significa que o trabalho formal e as férias não são as atividades que possibilitam o incremento da atividade turística. Além disso, turismo não se restringe a viajar nas férias. Precisamos perceber o quanto a atividade turística poderá contribuir na diversificação das economias ampliando as ofertas de trabalho. Superar a contradição acima expressa é ampliar a visão para inúmeras possibilidades de se desenvolver o turismo em todos os espaços, inclusive naqueles onde a indústria e o comércio são tradicionalmente hegemônicos.

## CONCLUSÃO

Inserido neste contexto de visão fragmentada, oriunda do mito de desenvolvimento, é que o lazer foi concebido como uma atividade de descanso para o lugar do trabalho e de diversão para outro lugar. Para isso era preciso que o trabalhador estivesse em férias e viajasse, portanto fizesse turismo na tentativa de ser livre e feliz. Isso se justificava pela necessidade de o trabalho ser uma premissa na conquista da industrialização do lugar. Através desta, se desenvolveria em direção do futuro prometido, onde se alcançaria o progresso e a felicidade. Esta fragmentação impediu a visão da complexidade da vida, do lazer, do trabalho, do progresso e do desenvolvimento. Impediu que se percebesse que ao mesmo tempo que se fragmentava o lazer, também a vida cotidiana passou a ser baseada na mesma lógica da máquina que só conhece os programas de extremos, entre o certo e o errado. Isso impediu que se percebesse que a vida é complexa, baseada em múltiplas alternativas, onde o trabalhador pode ter lazer em qualquer espaço assim como pode também não sentir felicidade no espaço da diversão e muito menos descanso no seu tempo livre. Assim também impediu que se percebesse que a atividade industrial poderia ser a fomentadora do desenvolvimento do turismo, na modalidade de turismo de negócios. O que aconteceu foi que a lógica artificial da indústria apoderou-se das inúmeras atividades humanas, regulando suas relações, viagens, consumo e lazer, fragmentando os espaços.

Mas hoje este mito do desenvolvimento está em crise, porque apesar de todas as indústrias existentes, cresce a ameaça do desemprego, o que abala a antiga crença de que no futuro o trabalhador teria mais tempo livre para o lazer e o turismo. Aumentam as expectativas de que cada vez menos cidadãos poderão viajar, em férias, e fazer turismo. Esta tomada de consciência deverá fazer com que se reflita, que deve-se continuar progredindo, mas em outro ritmo onde o



objetivo passe a ser a promoção da qualidade de vida e a busca da "hominização"<sup>4</sup>. Este deverá ser o centro do novo paradigma, o desenvolvimento humano. Será preciso que percebam que é preciso romper com o antigo mito do progresso baseado nas certezas para assumir as incertezas, que exigirá de todos a eterna busca de alternativas, de melhoras, de diversificação na economia, da participação comunitária e do ético. Esta é a superação do movimento dialético do desenvolvimento, a busca pelo envolvimento ético da hominização.

Portanto, a palavra-chave é que não devemos investir no futuro progresso mas nas possibilidades complexas do presente e nas incertezas de um futuro. É preciso desmistificar a crença do desenvolvimento e apostar na percepção da complexidade de que não existe um problema e uma solução, mas sim, que existem muitos problemas e muitas alternativas. Deve-se buscar alternativas de soluções heterogêneas e não a salvação, a homogeneização e o futuro desvinculado do presente e sem passado. Toda a organização da vida é complexa onde pode-se trabalhar com múltiplas alternativas de criatividade e de possibilidades. Esta idéia é a constatação de que, ao mesmo tempo, existe a possibilidade de incremento do turismo e o fim das férias do emprego formal. Assim, o turismo não é férias e nem a alternativa que vai substituir a indústria e possibilitar a salvação. Ele é uma possibilidade de diversificação que deve participar da construção de uma outra lógica de desenvolvimento onde o bem estar, a natureza, a cultura, etc., contribuam na construção de uma consciência da vida humana.

Em suma, a concepção de turismo, embasada no conteúdo simbólico de férias, é oriunda da ideologia do trabalho que via este como uma atividade de lazer e não como uma atividade econômica. Esta interfere sobre o desenvolvimento do turismo na medida em que impossibilita aos moradores conceberem que é possível num mesmo local existirem atividades de lazer, turismo e trabalho. Assim, o turismo seria uma atividade que viria para contribuir com a diversificação econômica e desenvolver atividades de lazer, de entretenimento, que ampliariam os espaços de "recuperação do humano no homem" (Marcellino, 1995, p. 16).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBORNOZ, Suzana. *O que é trabalho*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos).

<sup>4</sup> Morin (1995, p. 108): "A busca da hominização deve ser concebida como o desenvolvimento de nossas potencialidades psíquicas, espirituais, éticas, culturais e sociais."

ANDRADE, José Vicente de. *Turismo: Fundamentos e dimensões*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997. 215 p.

ANTUNES, Ricardo L. *Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

BARRETTO, Margarita. *Manual de Iniciação ao estudo do turismo*. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção Turismo)

BOEIRA, Nelson. O Rio Grande do Sul de Augusto Comte. In: DACANAL, José Hildebrando, GONZAGA, Sergius. *RS Cultura & Ideologia*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. (Série Documenta, 3).

BOSI, Alfredo. Cultura como Tradição. In: *Cultura brasileira, tradição e contradição*. Rio de Janeiro: Zahar/ Funarte, 1987. p. 33 a 58.

\_\_\_\_\_. COLÔNIA, CULTO E CULTURA. In: *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOULLON, Roberto. *Ecoturismo. Sistemas naturales y urbanos*. Buenos Aires: Librerías Turísticas, 1993. (Colección Temas de Turismo)

\_\_\_\_\_. ECOTURISMO: INTENCIONES Y ACCIONES. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.) *TURISMO e AMBIENTE - Reflexões e Propostas*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 44 - 48.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa; Rio de Janeiro: DIFEL/ Bertrand Brasil, 1989. Caps. I, III, e VI.

CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas*. Buenos Aires: Sudamerica, 1992.

CARMO, Paulo Sérgio do. *A ideologia do trabalho*. São Paulo: Moderna, 1992. (Coleção polêmica).

COSTA, Roberta Flávia. Recuperação do Centro da Cidade de São Paulo e sua Importância para o Turismo e Lazer Urbano. *Turismo em análise*. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 25-43, maio, 1995.

DUMAZEDIER, Joffre. *LAZER E CULTURA POPULAR*. São Paulo: Perspectiva S.A., 1973. (Coleção Debates).

\_\_\_\_\_. *SOCIOLOGIA EMPÍRICA DO LAZER*. São Paulo: Perspectiva S.A., 1979. (Coleção Debates).

HELLER, Agnes. Estrutura da Vida Cotidiana (pp. 17-41). In: *O Quotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.



- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1989.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Humanização*. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção Fazer Lazer)
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. OS "USOS CULTURAIS" DA CULTURA: Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YAZIGI, Eduardo, CARLOS, Ana Fani A. e CRUZ, Rita de Cássia A. da, (org.). *Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura*. São Paulo: Hucitec, SP, 1996.
- MORIN, Edgar. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- \_\_\_\_\_, e KERN, Anne Brigitte. *Terra - Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- NAISBITT, John. *Paradoxo Global: quanto maior a economia mundial mais poderosos são os seus protagonistas menores: nações, empresas e indivíduos*. Rio de Janeiro: Campus, 1994.
- ORTIZ, Renato. "CULTURA E SOCIEDADE GLOBAL". In: *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. *Sociologia do Turismo*. Campinas, SP: Papirus, 1995. 89p.
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri. "LUGAR, NÃO-LUGAR E REALIDADE VIRTUAL NO TURISMO GLOBALIZADO". In: *TURISMO E ESPAÇO, Rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 25-36
- RUSCHMANN, Doris. *Turismo e Planejamento Sustentável: A proteção do meio ambiente*. Campinas, SP: Papirus, 1997. (Coleção Turismo)
- SANTOS, Milton. *Técnica Espaço Tempo - Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Turismo Básico*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1995. (Série Apontamentos)
- \_\_\_\_\_. O TURISMO NO ESPAÇO GLOBALIZADO. IN: RODRIGUES, Adyr B. (org). *TURISMO, MODERNIDADE, GLOBALIZAÇÃO*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 19 a 35.
- URRY, John; tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. *O olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel : SESC, 1996. (Coleção megalópolis)